

JOSÉ MANUEL ROQUEÑI: A EDUCAÇÃO DA AFETIVIDADE EM TOMÁS DE AQUINO

por João Malheiro



José Manuel Roqueñi Rello é doutor em Pedagogia pela Universidad de Navarra, Pamplona, Espanha (1997- 2000). Sua tese doutoral foi defendida em março de 2000 com menção: *Sobressalente Cum Laude*. Casado, pai de 8 filhos. É o Diretor Geral do Liceo de León. León, Guanajuato, México. Em sua obra *Educación de la afectividad*, EUNSA, Pamplona, 2005.

Diante do crescente interesse pela formação das emoções e paixões, Roqueñi se propõem estudar nesta obra a educação dos afetos em uma perspectiva diferente: interpretando o pensamento de Tomás de Aquino. Partindo do estudo da antropologia e a ética tomistas, estuda o domínio que a razão exerce sobre o mundo afetivo e o método específico para conseguí-lo, oferecendo orientações práticas para que o educador incida sobre o governo suave e político das paixões que sugere a vida virtuosa. A educação da afetividade é um assunto relacionado ao exercício da autoridade, no qual os pais devem se esforçar, também com o exemplo, em ensinar a seus filhos a se esforçar por se entregar firme e livremente ao bem dos demais.

Inspirado no pensamento do Doutor Angélico, defende a tese que coincidem o desenvolvimento psicológico e interior da criança e do adolescente com a atualização da razão prática, mediante os hábitos –não virtudes próprias ainda– de temperança, fortaleza e justiça, até aflorar a prudência, já propriamente como virtude, na juventude, e, junto com ela, o início do processo de unidade e integração das virtudes e o consecutivo crescimento pessoal que permitirá alcançar a finalidade humana do *telos* do homem. Em todo este processo participam, segundo seu natural e crescente desdobramento, tanto a inteligência, como a vontade e os apetites sensitivos. Todas essas potências operam com seus respectivos hábitos na seguinte ordem genética: a temperança no apetite concupiscível, principalmente durante a primeira infância, a fortaleza no apetite irascível, particularmente durante a adolescência inicial, a justiça na vontade, de modo especial durante a adolescência superior, e, por último, a prudência aflora na inteligência a partir da juventude.

A www.aquinate.net agradece o Dr. José Manuel Roqueñi por esta entrevista e pelo excelente trabalho que desenvolveu acerca da defesa de uma educação da afetividade a partir da doutrina de Tomás de Aquino.

ENTREVISTA:

1. Por que ir buscar em Tomás de Aquino uma inspiração para trabalhar um tema hoje tão importante como a Educação da Afetividade. Não estaria um pouco ultrapassado o teólogo/ filósofo da “Idade das Trevas” e com sua escolha não poderá provocar um **sentimento de “doutrinação”** nos leitores?

Quem teve, como eu, a oportunidade de estudar alguma obra de Tomás de Aquino com seriedade, se pasmou de sua praticidade e atualidade. Como disse Chesterton, é uma filosofia onde os porcos são isso: porcos e nenhuma outra coisa. E é que a verdade sobre o essencial do Homem e sua finalidade não mudou a ponto de cair em descrédito, nem de uma suposta superação. Ao contrário, é necessário reler, sem preconceitos, aos clássicos para conhecer melhor ao Homem, o que significa ir às fontes do saber, sem intermediários, buscando as luzes que exige a problemática atual. Falando sobre a verdade, sucede como com a beleza na arte, na que apreciar a escultura atual é uma experiência que não necessariamente supera ou desacredita o contemplar a grandeza de uma Pietá de Michelângelo, por exemplo, a qual contem uma total atualidade.

2. Diante do crescente interesse e preocupação pela formação das emoções e paixões na educação, o Senhor poderia me dizer algumas razões por que está havendo este **movimento positivo** em tantos pais e professores? E por que antes não havia tanto?

No aspeto intelectual, existe um natural movimento ou reação contra a máxima Kantiana de buscar “o dever pelo dever”. Nesse sentido, a ética hoje tende a aprofundar mais no *Tdos (fim)*, daí a grande ressonância de autores como Alasdair MacIntyre. Já no terreno prático, como indica Tomás de Aquino, a temperança é uma qualidade circunstancial no Homem e nas sociedades. A época e sociedade em que nos tocou viver está altamente modificada –com todo o respeito aos costumes antigos- nos modos de vida que incidem em matérias centrais da temperança: comer, jogar, divertir-se, exercer a sexualidade, o desejo de conhecer são atividades próprias do afazer humano e a atual massificação sobre certos costumes em torno a elas dão pé a mudanças importantes no comportamento humano. Desta forma, todas as denúncias ecológicas tão atuais assim como os transtornos compulsivos

crescentes em nossa sociedade –anorexia, bulimia, ludopatia- são normalmente efeito da falta de temperança e fortaleza, cuja a origem está estreitamente ligado com o inadequado domínio emocional que exige a natureza humana. Portanto, é natural que os pais hoje se preocupem e se ocupem do mundo emocional de seus filhos e de sua adequada condução.

3. Mas, diante de uma sociedade mais democrática e desenvolvida, falar de educação das virtudes afetivas não pode estar dando uma imagem de estar voltando a colocar os jovens em uma “**camisa de força**”, reprimindo-os de serem felizes e espontâneos?

As virtudes afetivas e as não afetivas têm como finalidade fazer feliz ao Homem. O seu livre exercício expande a capacidade humana e lhe permite ser mais plena, mais perfeita, provocando possibilidades reais de felicidade pessoal. O que sucede hoje é que – como denuncia Joseph Pieper- temos uma idéia muito distorcida do conceito de virtude em geral e de cada uma das virtudes, em concreto. Assim, existe uma total desorientação do *Telos* humano, diria A. MacIntyre, com as desavenças que isso implica. Como afirmava o Doutor Angélico, o erro mais torpe no agível é aquele que se comete nos princípios, pois tudo o que venha deles será errático e catastrófico. Por exemplo, comumente hoje se entende que a castidade é uma qualidade antinatural e desagradável, própria de um ser retraído e estranho, desumanizado, mas, por outro lado, achamos louvável que Daniel Goleman – em seu *best seller* “A Inteligência Emocional”- elogie com veemência aquelas pessoas que “aprendam a adiar um doce apetitoso para outro momento”, enquanto, ao contrário, qualifica de torpes aos débeis que se deixam levar pelo prazer momentâneo. Em ambos os casos, o princípio clássico é o mesmo: moderação, encaminhar a potência da água do rio, isto é, temperar as forças interiores que, por si mesmas e carentes de direção, dispersam ao sujeito e lhe obstruem o caminho para ser livre e feliz. Esta é a atividade própria da temperança em Tomás de Aquino.

4. No Brasil, a situação de grande parte das famílias, independentemente da classe social, é muito triste, como é hoje, infelizmente, em quase todo o mundo, onde quase não existe o **exercício da autoridade**, fundamental para a educação das virtudes. Diante deste cenário, o Senhor pensa que é viável acreditar que é possível fazer algo em um Colégio público onde os pais ou responsáveis não lhes interessa muito a educação de seus filhos?

É provável que certas pessoas ou comunidades afastem iniciativas de educação em vários aspectos, mas a tarefa de ser feliz é algo irrenunciável,

irremediável: todos tendemos à felicidade e, como dizia Aristóteles, ninguém pode se propor não ser feliz. A educação das virtudes tem que ver com a forma de conduzir-se diante da vida e o modo de buscar a felicidade, com toda a forma de atuar para ser feliz. Não é uma questão teórica ou técnica, que dependa de uma série de raciocínios lógicos ou fatores diversos. Não está em função de ter resolvido uma série de prerrogativas prévias como base ou fundamento para logo poder adquirir sua essência. Educar as virtudes é um assunto prático, assimilável e operável por qualquer pessoa em seu atuar, independentemente de sua classe social, cultural ou econômica ou ainda outros condicionantes. O que sim pode condicionar o crescimento das virtudes – sobretudo na infância e na adolescência- é o papel exemplar do educador que, em termos ideais, é o papel dos pais. Mas, ainda sem eles ou contra eles, a pessoa pode aprender a viver a virtude por si mesma, graças à influência positiva de alguém que lhe seja próximo, que lhe ajude a ser melhor. Isto é assim, porque Tomás de Aquino confia na força natural do sujeito, na bondade primeira de suas potências e de suas disposições. Cada pessoa, com uma causa exemplar disponível que lhe oriente, é capaz de mover-se adequadamente a seu melhor destino e plenitude.

5. Inspirado no pensamento do Doutor Angélico, o Senhor defende a tese que coincidem o desenvolvimento psicológico e interior do menino e do adolescente com a atualização da razão prática, mediante os hábitos afetivos – não virtudes propriamente ainda- de temperança, fortaleza e justiça, até aflorar depois a prudência, já propriamente como virtude, na juventude. Poderia, de forma resumida, dizer-nos quais são os motivos principais desta “**seqüência lógica**”? Por que, então, David Isaacs (La Educación de las virtudes humanas, Pamplona: EUNSA, 1996) indica para a seqüência justiça, fortaleza, temperança e prudência?

A ética tomista é uma ética dinâmica, carregada de teleologia. Nela se coloca o caráter unitário e sistêmico das virtudes o qual, para ser real, necessita da atuação da liberdade. Entretanto, uma criança pequena dificilmente possui a liberdade no exercício pleno, pois ainda não se desenvolve em seu interior toda a sua racionalidade. Que sucede, pois, com sua atuação boa? Não tem nada que ver com o futuro de sua liberdade e nem com a formação das virtudes? Por outro lado, Tomás de Aquino insiste que as potências sensíveis participam da razão *desde dentro*. Portanto, compreendendo a forma em como interatuam as distintas potencias afetivas e as faculdades do conhecimento nas etapas evolutivas do homem, se deduz a grande transcendência do papel dos hábitos no interior subjetivo. Neste sentido, o hábito é a qualidade que, operando no sujeito, lhe determina não só em seu agir, mas também em suas

faculdades e em seu ser e isto lhe permite ao mesmo tempo crescer ou decrescer interiormente, conforme seja sua atividade.

Sem conhecer com detalhe o pensamento de Isaacs, conheço outros semelhantes e me atrevo a afirmar que se algum pensador parte de uma visão tomista estática, com certa carência de fundamento antropológico, considerando a virtude não em sua unidade, mas sim em sua diferenciação específica e forçando o conceito de cada virtude, sem ter em conta a potência-sujeito que aperfeiçoa, isto equivale a dizer que se impõe despoticamente uma série de boas qualidades a formar que segundo um adulto determinado –desde seu exterior- define o que convém fazer e o que não convém. Mas, esta forma de pensar é a forma mais longínqua do pensamento original de Tomás de Aquino, pois ele, em plena concordância com Aristóteles, afirma que o governo interior do Homem é o domínio político, não o despótico. Desta forma, por exemplo, para o Doutor Angélico é muito mais valiosa e perfeita (e humana) a ação do temperado que a do continente, pois no primeiro caso a razão está presente no apetite sensitivo. Já no segundo, o continente se limita a resistir, à força de braços, de vontade (despoticamente) o movimento da potência sensitiva.

6. O Senhor que tem tanta experiência no ensinamento das humanidades e ocupa atualmente cargos diretivos em várias instituições educativas no México, poderia falar se existe alguma relação entre a ausência da educação da afetividade dos últimos 20, 30 anos **com a crescente e preocupante imaturidade dos jovens**? Concorde com alguns psicólogos que, em média, nós podemos hoje **descontar 5 anos a menos** na idade cronológica dos jovens e acertaremos na idade psicológica? Vai aumentar no futuro esta diferença?

Por suposto que coincide com que a imaturidade da juventude é sinal de uma educação afetiva carente. Não me atreveria a quantificá-la em anos, mas é claro: na medida em que as potências interiores não sejam ativadas com assiduidade e oportunamente, se atrofiam ou entorpecem, dificultando o processo de abertura e definição pessoal em que consiste a maturidade e afetando ao conjunto da interioridade pessoal, pois somos um sistema. É algo similar ao que acontece com os órgãos corporais dos que depende o conhecimento sensível. O olho necessita exercitar-se na visão, pois, se não, assim pode atrofiar-se ao ponto de não ver. Entretanto, mais grave sucede com as tendências afetivas, pois devem exercitar-se oportunamente na forma adequada (teleologicamente), caso contrário, entorpecem o crescimento interior ou, o que é pior, aniquilam ao sujeito. Neste sentido, tristemente



conhecemos continuamente vários casos (Alcoolismo, comedores compulsivos, depressões, suicídios) que denunciam isto. São as mesmas forças interiores –as do atleta, do sábio, do magnânimo ou do empresário- que se habitua negativamente e atuam no sentido contrário à própria natureza humana. Na medida em que os educadores deixemos de lado a educação das virtudes, provocaremos um sério obstáculo para o bem da capacidade humana. Em casos extremos, diante das condições atuais de nossa sociedade, as pessoas podem terminar na autodestruição.